

Al Berto e F. Antonino Bacelar: o erotismo em devaneio

KENEDI SANTOS AZEVEDO*

Resumo: Em um trabalho de teor comparatista, pretende-se fazer a leitura das obras do poeta português Al Berto, *O Medo*, de 2009, e do amazonense F. Antonino Bacelar, *Na flor do maracujá: contos e poemas*, de 2010, averiguando a forma que ambos expressam o erotismo em seus poemas. Al Berto, por exemplo, se utiliza das manifestações homoafetivas, em meio ao devaneio, ao delírio, e ao real, instituindo, assim, uma nova dicção no fazer poético contemporâneo de Portugal. Enquanto F. Antonino Bacelar ilustra experiências e sonhos eróticos cujos momentos pueris retornam por meio das recordações de figuras femininas, com corpos sensuais e olhar inebriante, revelando voluptuosos instantes de prazer na juventude. Para tanto, serão utilizadas obras teóricas que sustentem os objetivos deste estudo, como *Ética, sexualidade e política*, de Michel Foucault, *Leituras do sexo*, organizado por Christine Greiner e Claudia Amorim, além de *Literatura e homoerotismo em questão*, de José Carlos Barcellos e *A dupla chama: amor e erotismo*, de Octávio Paz.

Palavras-chave: (Homo) Erotismo; Sexualidade; Devaneio, Corpo.

Abstract: In a work of comparatist orientation, we read the works of the Portuguese poet Al Berto, *O Medo*, of 2009, and of the Amazonean F. Antonino Bacelar, *Na flor do maracujá: contos e poemas*, of 2010, by examining how they express the eroticism in their poems. Al Berto, for example, uses the homoaffective demonstrations, amid daydream, delirium, and the real, thereby establishing a new poetic diction in contemporary Portugal. F. Antonino Bacelar, on the other hand, illustrates experiences and erotic dreams whose puerile moments return through memories of female figures with sexy bodies and ardent looks, thus revealing voluptuous moments of pleasure in youth. For both, this discussion will use theoretical support provided by, *Ética, sexualidade e política*, by Michel Foucault, *Leituras do sexo*, organized by Christine Greiner and Claudia Amorim, in addition to *Literatura e homoerotismo em questão*, of José Carlos Barcelos, and *A dupla chama: amor e erotismo*, of Octávio Paz.

Key words: (Homo) Eroticism; Sexuality; Daydream; Body.



* KENEDI SANTOS AZEVEDO é Graduado em Letras pela Universidade Federal do Amazonas. Mestre em Literatura Portuguesa pela UERJ. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (UFAM) e do Grupo de pesquisa: Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica (UERJ). Professor de Literatura Brasileira e Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas.

Neste trabalho, tenciona-se fazer a leitura crítica dos livros de dois poetas de língua portuguesa surgidos na novíssima literatura de Portugal e Brasil, abordando o erotismo, tema frequente nos poemas de ambos, do ponto de vista comparatista, apontando as similaridades ou mesmo as contraposições existentes em seus textos. Para tanto, elegem-se *O Medo*, de 2009, de Al Berto, em que se sobressai o homoerotismo e *Na flor do maracujá: contos e poemas*, de 2010, do amazonense F. Antonino Bacelar, no qual o poeta dedica um espaço para os poemas, segundo ele, eróticos. Estes aspectos, (homo)eróticos e poéticos, serão abordados com base nos livros de estudiosos, como Octavio Paz (1994), que assevera o seguinte acerca das afinidades entre o erotismo e a poesia: “o primeiro é uma metáfora da sexualidade, a segunda uma erotização da linguagem” (p. 49). Sobre isso Al Berto escreve:

nos dentes amachuco a folha de papel escrita, mordo noite adiante o ombro decotado e literário de Tangerina. invento-o e mordo-o, como sempre fiz, **esfrego o sexo nas palavras, meto-lhes nas mãos sujas da literatura**, viro-a, enrabo Tangerina ainda mal acordada no fundo da memória, mordo-lhe a nuca, mordo-a até não sentir em mim absolutamente mais nada (ALBERTO, 2009, p. 18) [grifo nosso].

De tal modo, ficamos diante da erotização da palavra poética, e assim, as mãos sujas da literatura podem ser notadas com o pudico olhar dos que veem vulgarmente essa nova espécie de poesia, tida pelos críticos da época como marginal. Esse excerto é passaporte para uma série de imagens sexualizadas que irrompem doravante

nas páginas dos livros de Al Berto e F. Antonino Bacelar.

De acordo com George Bataille (1988) “O Erotismo deixa transparecer o avesso duma fachada, cuja correta aparência nunca é desmentida: nesse avesso se revelam sentimentos, partes do corpo e modos de ser de que vulgarmente temos vergonha” (p. 85), transparentes no fazer poético dos poetas em questão, vindo à tona por intermédio dos devaneios existentes na construção das malhas textuais de seus poemas. Tomamos então como exemplo o poema “Sonhando” de Bacelar, transcrito abaixo:

A noite cai, na mente já cansada,
Cambaleante, eu procuro o leito,
Embora cheio das lições sagradas,
Meus pensamentos mudam quando deito.

E, ao chegar o sonho, estás vestida,
Com leve seda branca sobre a pele,
O vento bate, te deixa despida
O meu desejo louco logo fere
O bronzeado ardente do teu corpo,
A frágil carne que abriga o belo.

A timidez encobre as róseas mamas
E deixa o sexo resplandecente;
Só o pudor manobra as tuas mãos
De encontro ao peito tão macio e quente.

Ao encontrar-te nua, frente a mim,
Fico pasmado, imóvel,
contemplando
A perfeição, as formas enfim
Que as tuas curvas vão
apresentando.

E, num impulso, caio vazio,
Desapareces tal como miragem,
Em plena cama passo a sentir frio,
Por que não sinto mais tua imagem.
(BACELAR, 2010, p. 80).

Detendo-nos ao poema, notamos os devaneios de um jovem no quarto de uma instituição religiosa, ao que parece, um seminário, cujo rigor das “lições sagradas” o deixa cansado. Entretanto, ao aproximar da noite, os pensamentos, que eram somente no sagrado, mudam quando se deita na cama. Assim sendo, antes mesmo de sonhar, há um instante em que o eu lírico invoca as imagens eróticas de uma jovem que a partir de então passa a habitar seus sonhos, num misto de delírio, ilusão e realidade, o momento propício para se deixar transparecer o avesso da fachada dita por Bataille, entendida aqui, pelas “lições sagradas” de Bacelar.

Assim, o poeta cria, por meio da fantasia, a imagem da mulher ideal, que aos poucos, e com a ajuda do vento, despe-se em sua frente, mostrando seu corpo, aguçando, deste modo, o “desejo louco louco”. Em meio à ânsia e à admiração por vê-la nua, acorda, não totalmente, a ponto apenas de sentir o vazio deixado pelo seu desaparecimento “tal como miragem”, numa solidão que soa melancólica “por que não sinto mais a tua imagem”, compreendemos, portanto, que a imagem não estava no campo do sonho apenas, mas também da sensação.

De imediato, surge um questionamento sobre tal desaparecimento. Seria uma espécie de bloqueio advindo dos ensinamentos religiosos, isto é, entender esses instantes como propiciadores do pecado, ou apenas uma coincidência, tão comum àqueles que sonham? Segundo Claudia Amorim:

As religiões e suas instituições sempre se valeram da arte como veículo para conquistar, controlar e ilustrar suas crenças e valores. Mas, mesmo nessas situações, a

sexualidade do corpo é discutida: as relações místicas são sempre relações em que um ser superior penetra, se funde ou se impõe. A força erótica religiosa está sempre pairando [...] Muitas vezes por um purismo invocado, ou pela ansiedade provocada pelo descontrole da própria vida, o olhar acaba por procurar um novo corpo: um corpo controlável, que se sujeita, um corpo propício a intervenções, obediente, mesmo quando está convocando a anarquia (AMORIM, 2006, p. 15, 16).

Deste modo, no poema de F. Antonino Bacelar, o corpo da mulher é invocado após o eu lírico deixar de lado os pensamentos religiosos. No entanto, a imagem que é transmitida lembra um anjo, figura sagrada no cristianismo, ou seja, ainda há o império da religião, afinal, subvertido pelo erotismo no texto.

Apesar de não haver a relação sexual, talvez “pelo purismo invocado, ou pela ansiedade provocada pelo descontrole da própria vida”, ditos por Amorim, cria-se um ambiente propício para as manifestações do erotismo encoberto, como o excerto “A timidez encobre as róseas mamas/ E deixa o sexo resplandecente/ Só o pudor manobra as tuas mãos/ De encontro ao peito tão macio e quente” do qual destacamos as palavras “timidez” e “pudor” que marcam aquilo que já havíamos mencionado acima sobre o bloqueio, a fachada, a religião, porque tal reserva se dá também por parte do eu lírico que então desperta.

Cabe ainda destacar o desenho de Lara Nuccia que ilustra o poema na página subsequente. Nela observa-se um jovem em uma cama – pode estar sonhando – com um balão saindo de sua cabeça no

qual se apresenta uma jovem mulher vestida de branco. Tal ilustração ajuda a confirmar a leitura que fizemos do poema.

Já o erotismo ou homoerotismo na obra do poeta português Al Berto, aparece mais explícito, a exposição do corpo é mais clara, de modo especial nos primeiros livros publicados, posteriormente reunidos na antologia *O Medo*, objeto deste estudo. Transcrevemos a seguinte parte inicial do “Meu fruto de morder, todas as horas”.

*aos animais que, de manhã, à hora
de varrer e lavar a casa se tornam
imensos, ternos, e cheios de pêlos.
aos putos da noite do mundo:
Loirinho e Pirolito.*

numa mancha de gasolina
preparamos o fogo. um pássaro
esvoaça sobre o mar e as últimas
silhuetas da noite sentam-se na
fogueira dos corpos.

plantas trepam pelas tábuas do
humilde abrigo. o telhado de colmo
protege-nos da humidade e do peso
da noite.

observamos as flores nocturnas.
aquelas que expandem pétalas e
aromas ao entardecer. o fogo
extingue-se. por dentro das areias
ainda quentes despertam animais
etéreos. colam-se às paredes.
circulam pelo interior de nossos
corpos acesos. falam-nos durante as
horas perdidas da noite.

corpos ociosos escondem-se nos
silenciosos recantos do parque.
ouvimos vozes e o ruído assustador
das estrelas cadentes. crepitam a
madeira e o canto das cigarras em
cio.

fumamos.

torna-se nítida a geometria das
borboletas em contraluz. as lâminas

em câmara lenta. os objectos da
viagem respiram. texturas pesos
volume de corpos. espaço dum
corpo navegando pelo interior
doutro corpo. tocamos o olho o
círculo enrugado do ânus. o sangue.
a cremalheira dos sexos. as salivas
as línguas os dedos duros e lentos
perfurando a memória.

o sumo dum fruto coagula nas
mãos. o suor dos corpos
abandonados ao sal cintila.
caminhamos há anos procurando os
alimentos que precisamos e a sede.
a cor que sobrepõe a cada um
destes dias.

não temos nome. dormimos no
mesmo leito de algas sabiamente
tecidas. somos a matéria
envenenada da noite e o cuspo dos
sexos. a água no incêndio nómada
dos corpos. e a escrita...

[...]

(AL BERTO, 2009, p. 101) [itálico
do autor].

O excesso do corpo cada vez mais se intensifica, criando um cariz homoerótico entendido principalmente pelo grupo de palavras com mesmo sentido semântico: putos, corpos, cio, ânus, sexos, dedos duros, suor. Na sensação de dialogarem os eus de Al Berto e Alberto, cujos instantes de devaneios ocupam os espaços da escrita noturna, na qual o poeta inicia as deambulações pelas praias da cidade, ambiente marinho, lugar-comum na literatura portuguesa, em que “a água no incêndio nómada dos corpos” ora purifica, ora envenena pelo “cuspo do sexo”.

Como um espectador, observa nas “horas pedidas da noite” as explosões sexuais, encontros entre “corpos abandonados ao sal”. O tempo noturno

aguça os momentos de erotismo. No poema, para além da noite há um corpo em fogo, em chamas, isso lembra as palavras de Octávio Paz (1993): “O fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama vermelha do erotismo e esta, por sua vez, sustenta outra chama, azul e trêmula: a do amor: Erotismo e amor: a dupla chama da vida” (p. 7). Sendo assim, a sexualidade, simbolizada pelo fogo, ajuda na instituição do homoerotismo nas viagens por beira-mar, tomando, com isso, o tom de confissão por parte de Al Berto, como diz Emerson Inácio (2010) “A ascese prevista na confissão, no caso de Al Berto, está na literatura, no poético, na vivência do corpo e da sexualidade, locais a que eleva a vida comum, os seus delírios, a sua melancolia” (p. 32), em outras palavras, seus devaneios.

Destarte, as relações homoafetivas, eram tidas como perversão, fazendo com que muitos vivessem em um ostracismo, um isolamento de tudo aquilo e aqueles que os pudessem fazer qualquer maldade, por meio da censura existente na época, particularmente em Portugal. Por conseguinte, “As relações homossexuais estão pouco em questão, apesar do fato de que a maioria dos ascetas vivia, permanentemente, em comunidades muito extensas, numericamente falando” (FOUCAULT, 2006, p. 102), mas isolados, é verdade. Por isso, Al Berto abre mais uma página na literatura da pós-revolução dos cravos, desta vez, com um discurso homossexual construído pelo desvencilhamento das amarras políticas da ditadura, criando, igualmente, uma nova dicção na verve literária portuguesa, por quanto, José Carlos Barcelos (2006) acrescenta, falando,

que, “Nessa perspectiva, a experiência da homossexualidade é a revelação, por excelência, do que é a estetização da existência, numa gama de nuances que pode ir da farsa à tragédia” (p. 342)

Os dois poetas, mesmo separados pelos espaços geograficamente distantes, enredam pelos caminhos do erotismo, apesar de haver contraposição na abordagem de ambos, as similaridades destacam-se nas ocasiões que fazem da temática momentos de delírio, sonho, fantasia, sem deixar de lado o real merecido a um texto literário. Esses instantes são de fuga da realidade, por isso ocorre quase sempre à noite, gerando a ascese em F. Antonino Bacelar por intermédio do seu envolvimento com o sagrado cristão e em Al Berto pela vontade de liberdade, isto é, o erotismo como despojo das coisas do mundo.

Além disso, a corrente utilização do corpo para compor seus poemas, implica a aceitação do mesmo como objeto que proporciona o erótico, porque o corpo por si só gera os mais libidinosos dos instantes, notamos isso no recorte dos poemas “Feminíssima” “[...] Cumprindo o ritual do dia-a-dia,/ Contorce o corpo inteiro num prazer,/ Como se fosse mais do que fazer/ Feliz o companheiro que seria” (BACELAR, 2010, p. 83); “Mulata” “[...] No bronzeado frágil aveludado,/ O corpo em curvas, o mesmo exigido/ Nos meus incríveis sonhos já sonhados” (idem. p. 84); “Simulacro” “Cabisbaixa pensava num segundo,/ Contemplando, bem nu, seu corpo inteiro,/ E sentindo a intimidade do meu mundo/ Num pedaço feliz do travesseiro” (p. 85), do poeta amazonense. Chamamos atenção para um detalhe em todos os poemas: quem sente o prazer é o outro e não há amor,

apenas desejos que ocorrem nos “incríveis sonhos já sonhados”, especialmente “Num pedaço feliz de travesseiro”. O erotismo no livro de Bacelar tem seu ponto alto no poema “Erotizante” que transcrevemos abaixo.

Na penumbra do quarto perfumado,
Aproveitando a música em surdina,
Dança despida aquela bailarina,
Enchendo de erotismo o rebolado.

Depois, mansamente senta no colo,
E vai lambendo o corpo do machão,
Do peito até chegar ao esporão,
Que lança uma rajada sobre o solo.

Sugando, na volúpia do prazer,
Sem dar vez ao seu parceiro inerte,
Ela sussurra e pede que ele aperte,
O bico do seu seio faça arder,
Coloque em sua bainha a dura espada,
E faça-lhe vibrar desordenada.
(BACELAR, 2010, p. 89)

O poeta, como um observador, descreve detalhadamente o encontro de dois corpos em intensa volúpia, que, convertidos em imagens poéticas, confirmam o que Octávio Paz (1994) assegura “O amor é escolha; o erotismo, aceitação. Sem erotismo – sem forma visível que entra pelos sentidos – não há amor, mas este atravessa o corpo desejado e procura o almano corpo e, na alma, o corpo. A pessoa inteira” (p. 34). Sendo, portanto, o erotismo aceitação, compreendemos, que, no poema acima, não há amor, mas a aceitação de um corpo pelo outro, já que o que está em jogo são as formas visíveis, muito bem representadas por partes que compõem o corpo como um todo, o corpo desejável: o colo, o peito, o esporão, o seio, a bainha e a dura espada, sem falar

no quarto, imagens e espaço, que, direcionam metaforicamente para uma relação libidinosa.

Finalizamos este trabalho compreendendo que o erotismo nos poemas de Al Berto e F. Antonino Bacelar, emerge por intermédio dos devaneios comuns às horas soturnas. Naquele, há a vontade de “morrer muitas vezes, sufocando em alucinações”, em delírios cujos corpos de muitos, no papel, na escrita, são apenas um, na realidade, porque, como diz o próprio poeta “Nervokid nasceu da insônia, Tangerina do silêncio da alba, e eu sou a fusão viva dos dois”, porquanto, no quarto, enfrente à escrivaninha que surgem os instantes dos enleios eróticos, já que é, de acordo com Al Berto:

o momento de nos alimentarmos com o que segrega o corpo, ranhos, suor, mijo, cuspo, merda, o mais repugnante escarro. tornou-se absolutamente necessário conhecer as texturas da pele, estar atento às contrações dos órgãos, dilatações dos orifícios, contorções e sossegos de veias, dos ossos e dos nervos. horas e horas ouvindo os ruídos das distantes entranhas vivas, o peido, o arrotado, a tosse, convulsa de preferência, e a respiração. é tempo de vigília absoluta. escutar a voz, murmurar as estrelas, abrir vermelhas frestas por onde o aparato da caneta injecta sílaba. rasgar o receio coalhado no peito e gritar, gritar até que o grito se perca no silêncio onde nasce a escrita. o corpo é o único suporte do texto. o sangue, o esperma, a vida toda num estremecimento escondido em cada palavra (AL BERTO, 2009, p. 24)

E, do mesmo modo, F. Antonino Bacelar, se reserva ao recinto onde

surgem suas fantasias eróticas, a que denominou “cismas de menino”, num tempo que passa “na rua da ilusão” quando sem querer vê “mil recordações”, já que “O rapazola, o moço, sensual,/ está cansado de ser tão banal” (p. 87). Fica, então, demonstrado que os poetas expressam as sensações por meio do corpo-texto, por meio da vontade de imprimir no papel seus desejos, sonhos, delírios, capazes de experiências potencialmente insólitas.

Referências

- AL BERTO. **O Medo**. 4. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.
- AMORIM, Cláudia. O sexo da arte. In: GREINER, Christiane, Org.; AMORIM, Cláudia, Org. **Leituras do sexo**. São Paulo: Annablume, 2006.
- BACELAR. F. Antonino. **Na flor do maracujá**: contos e poemas. 2. ed. Manaus: F. Antonio Bacelar, 2010.
- BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. Disponível em <http://www.dialogarts.com.br>. Acesso: 15/07/2012.
- BATAILLE, George. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade e política**. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- INÁCIO, Emerson da Cruz. Uma herança invisível: algumas notas para uma possível aproximação entre José Régio e Al Berto. In: **Colóquio Letras**, nº 176. Lisboa Janeiro/ Abril de 2010, pp. 20-36.
- PAZ, Octávio. **A dupla chama**: amor e erotismo. Tradução de Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

*Recebido em 2013-03-27
Publicado em 2014-01-01*